

## AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: O MOVIMENTO DO VERBO <sup>1</sup>

Irenilza Oliveira e OLIVEIRA

**RESUMO** *Análise do resultado alcançado por um adulto estrangeiro, cuja língua materna (L1) é o holandês, quando da aquisição/aprendizagem do português brasileiro (PB). O objetivo é observar se é o Language Acquisition Device (LAD) chomskyano ou o Problem-solving Cognitive System (PSC) proposto por Felix que entra em operação, ou se existe uma co-atuação desses dois sistemas. As diferentes posições dos advérbios aspectuais, do advérbio modalizador talvez e do advérbio também, considerado como indicador de inclusão são utilizadas como evidência empírica em favor da postulação de que o tipo de movimento do verbo apresentado nos enunciados do sujeito desta pesquisa é V para I (conforme o PB) e não V para C (próprio do holandês). Os problemas eventualmente apresentados relacionados à falta de flexão nominal ou verbal são, então, justificados pela não-aprendizagem de determinados itens lexicais funcionais. Assim, os dados indicam que um indivíduo adulto, mesmo após a “idade crítica” para aquisição da linguagem, tem acesso aos princípios da Gramática Universal (GU), caracterizando uma real aquisição da segunda língua (L2), mas que este processo não exclui a aprendizagem de determinados aspectos da L2.*

**ABSTRACT** *This study is an analysis of the result obtained by a Dutch-speaking adult when acquiring/learning Brazilian Portuguese (BP). Its goal is to verify whether the cognitive system involved in this process is the Language Acquisition Device (LAD), the Problem-solving Cognitive System (PSC), or both. The different positions of the frequency adverbs, of the sentence adverb talvez and of the adverb também, taken as an adverb that indicates inclusion are provided as empirical evidence in favour of the claim that the type of verb movement found in his utterances is not V to C (according to Dutch), but V to I (according to BP). As far as problems related to the lack of nominal or verbal inflection are concerned, it is proposed that they exist due to a delay in the learning process. So, the data indicate*

---

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado defendida em 11 de fevereiro de 1999 no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra. Mary A. Kato.

that an adult can access the Principles of Universal Grammar (UG) and acquire a second language, but it is also true that he has to learn some aspects related to the functional lexicon of the target language.

## 1. APRESENTAÇÃO

Neste estudo me proponho a analisar o resultado alcançado por um adulto estrangeiro quando da aquisição/aprendizagem do português. Será analisado o movimento do verbo nas estruturas apresentadas por um sujeito cuja língua materna (L1) é o holandês, através do comportamento dos advérbios aspectuais, do advérbio modalizador *talvez* e do advérbio *também*, que é considerado como indicador de inclusão mas que, de acordo com o que foi por mim verificado, se distribui nas orações em português do Brasil de forma semelhante àquela dos advérbios aspectuais, tanto no que diz respeito à sua distribuição, quanto ao fato de poder ser empregado como resposta para perguntas do tipo SIM/NÃO.

O sujeito sobre o qual se baseia este trabalho é de origem belga, tem como L1 o holandês e, quando se iniciou a coleta dos dados, tinha dezoito anos de idade. Além da sua L1, Kate aprendeu o alemão e o inglês via instrução formal. No entanto, o PB foi por ela adquirido informalmente, por imersão, em contexto natural. A amostra se constitui de cinco gravações da fala de K. feitas a cada duas semanas, por meio de conversação livre ou semi-dirigida. Na realização deste trabalho, tenho como objetivo identificar o(s) mecanismo(s) utilizado(s) pelo adulto quando da aquisição/aprendizagem de uma L2, ou seja, observar se é o Language Acquisition Device (LAD) chomskyano ou o Problem-solving Cognitive System (PSC) proposto por Felix que entra em operação ou, uma terceira alternativa, se existe uma co-atuação desses dois sistemas.

Além disso, esse estudo tem como meta, mais especificamente:

- observar se o adulto, num período tardio do processo de aquisição/aprendizagem de L2, que aqui chamarei de *período de acomodação*, apresenta uma regularidade na distribuição dos advérbios modalizadores e aspectuais e do advérbio *também*.
- analisar, no caso de estruturas mal-formadas com a presença dos advérbios em questão, se a má-formação é possível ou não nas línguas naturais, isto é, se está prevista na GU para algum tipo de língua e, caso esteja, se é uma possibilidade de estrutura na L1 do sujeito.

## 2. O MOVIMENTO DO VERBO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

De acordo com Galves (1994), uma peculiaridade do PB é o caráter defectivo do seu paradigma verbal, que não apresenta uma forma específica para a segunda

pessoa e, assim, a forma usada para essa pessoa do discurso é a mesma usada para a terceira pessoa.

Segundo a autora, a desconfiguração do PB, no que diz respeito à possibilidade de uso do sujeito nulo, não é em função da falta de legitimação formal (que é feita pelo tempo (T)), mas de identificação devido à fraqueza de sua concordância (Agr)<sup>2</sup>, uma vez que este núcleo, “pelo menos na terceira pessoa do singular, parece ser referencialmente muito fraco para identificar um sujeito nulo como um pronome nulo específico.” (Galves, 1994:16)<sup>3</sup>

O PB, partindo da proposta formulada por Galves, não teria um IP dividido em duas projeções máximas, mas seria apenas uma projeção com natureza dupla [T, Agr]. Desta forma, mesmo o Agr sendo fraco não evitaria o T de reger e T-marcador o sintagma verbal (VP). A posição SpecIP seria uma posição argumental (A), que hospedaria o sujeito, uma vez que esta posição é a do especificador da projeção de Agr e não de T; e a posição de complemento seria preenchida pelo VP, já que o VP é internamente uma projeção de T.

Pode-se, assim, concluir que o PB, embora apresente um Agr fraco, possui movimento do verbo do núcleo de VP, onde ele é gerado, para o núcleo de IP. Esse movimento é motivado pelo T que, no PB, se apresenta forte.

Mas seriam os indícios do movimento do verbo de V para T no PB?

Kato e Nascimento (1996), estudando o comportamento dos advérbios aspectuais e dos quantificadores flutuantes no PB, partem da hipótese de que a variação da ordem de palavras de sentenças que envolvem esses constituintes se dá, não só a partir do movimento (ou não-movimento) do verbo de VP para IP, como também do movimento desses advérbios e quantificadores para a esquerda com adjunção a predicados que estão numa posição mais alta na sentença. Partindo de Kato (1993), eles mostram que no PB esses advérbios podem aparecer em, praticamente, todas as fronteiras da sentença, i.e., antes do tópico, entre este e o sujeito, entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o seu complemento, entre os complementos do verbo e no final da sentença, sem com isto violar o Princípio da Adjacência, mesmo sendo o PB uma língua cuja atribuição de caso se dá configuracionalmente, como numa sentença do tipo “*O João encontra sempre o mesmo livro.*” que mostra um advérbio posicionado entre o NP-objeto e o seu atribuidor de caso acusativo: o verbo.

- (1) a. Eles bebem cerveja *sempre* no bar.
- b. Eles querem *sempre* por mais que a gente dê eles querem *sempre* a mesma coisa.

---

<sup>2</sup> Cf. Rizzi (1986).

<sup>3</sup> Dentro do Programa Minimalista Chomsky (1995), a projeção funcional AgrP (assim como o TP) deixa de existir.

- c. Estou *sempre* falando tudo depressa porque não dá tempo.<sup>4</sup>
- d. *Sempre* os homens bebem cerveja no bar.
- e. Os homens *sempre* bebem cerveja no bar.
- f. ... *sempre* os filhos de Maria eles brincam no meio da rua.
- g. ... os filhos de Maria *sempre* eles brincam no meio da rua.

A proposta de Kato e Nascimento é a de que esses advérbios sejam gerados em adjunção a qualquer predicado, podendo se mover para nódulos mais altos da sintaxe.

Desta forma, esta análise que pressupõe o movimento também do advérbio, levaria à conclusão de que não seria a posição dos advérbios que estaria direcionando a marcação do parâmetro da ordem de palavras, mas que algumas das diversas posições desses elementos poderiam dar a indicação do movimento do verbo em PB<sup>5</sup>.

O advérbio *talvez*, Castilho e M. Castilho (1992), classifica como modalizador da sub-classe dos quase-asseverativos. Em sendo um modalizador, ele deve apresentar o comportamento dos modalizadores formados por adjetivos como *certo* e *possível* somados ao sufixo *-mente* descritos por Kato e Castilho (1991) como predicadores e se distribuir da seguinte forma nas sentenças do PB: i) antes do sujeito (a); ii) entre o sujeito e o verbo (b); iii) entre o tópico e o sujeito (c); e iv) antes do tópico (d). Há ainda a possibilidade de este constituinte estar em posição final absoluta, como resultado, segundo os autores, de construção de pensamento ulterior, ou seja, toda a sentença seria movida à esquerda para uma posição anterior àquela em que se encontra o modalizador (e).

- (2) a. ... ou *talvez* os estudantes de medicina tenham aulas os primeiros anos.
- b. ... ou os estudantes de medicina *talvez* tenham aulas os primeiros anos.
- c. ... ou os estudantes de medicina *talvez* eles tenham aulas os primeiros anos.
- d. ... ou *talvez* os estudantes de medicina eles tenham aulas os primeiros anos.
- e. ... ou os estudantes de medicina eles tenham aulas os primeiros anos *talvez*.<sup>6</sup>

Embora Castilho e Castilho salientem que o advérbio *talvez* em posição preverbal “favorece a ocorrência de subjuntivo (ver (2) acima), está ainda previsto o aparecimento desse tipo de advérbio entre o verbo e seu complemento ou um adjunto (3).

<sup>4</sup> Sentenças (3-b,c) são dados do Projeto NURC.

<sup>5</sup> Cf. Figueiredo Silva (1996) para uma análise alternativa da distribuição do advérbio em PB.

<sup>6</sup> Os exemplos em (5) tiveram como base a oração “ou *talvez* os estudantes de medicina eles tenham aula os primeiros anos.” extraída do Projeto NURC.

(3) ...uma mesa bem posta (...) é uma exigência que se faz *talvez* por deformação<sup>7</sup>.

O que se observa é que a análise dos modalizadores como predicadores não explica o caso de sentenças como (3); em que o advérbio está posposto ao verbo, mas não em posição absoluta.

Possenti (1992), estudando os advérbios de exclusão/inclusão, apresenta uma descrição do posicionamento e do escopo do advérbio de inclusão *também*. Para ele, essa classe de advérbios tem escopo definido que depende sempre da posição onde ele se localiza na sentença. Porém não se descarta o movimento deste advérbio ou de outros constituintes da oração.

- (4) a. *Também* nós ouvimos. ( Nós *também* ouvimos./ Nós ouvimos *também*.)  
b. Certo, eu *também* concordo.  
c. ... fala-se *também* em níveis de consecução de objetivos.  
d. Fruta é outra coisa que eu como muito *também*, sabe. ( dados do Projeto NURC)

Observa-se em (4), no uso do advérbio de inclusão *também*, a mesma facilidade de distribuição apresentada pelos outros advérbios aqui discutidos e também pelos quantificadores como discutido em Kato e Castilho<sup>8</sup>. Já que, o autor não propõe nenhuma hipótese sobre a distribuição desse advérbio na sintaxe mas, segundo o próprio, não é descartada a possibilidade de movimento deste tipo advérbio, a análise para o seu comportamento poderia tender tanto para a hipótese do advérbio como adjunto a projeção máxima quanto para a hipótese do advérbio como núcleo predicador.

Entretanto, observo que as hipóteses do advérbio como adjunto a projeções máximas e como núcleo predicador não parecem descrever adequadamente o comportamento desses constituintes nas línguas naturais. A hipótese do advérbio aspectual como adjunto a XPs não contempla, por exemplo, orações com (1-e), que não apresenta uma projeção máxima entre o VP e o IP ao qual o advérbio possa ser adjungido, nem sentenças matrizes de línguas como o holandês e o alemão que admitem advérbios em primeira posição, uma vez que o advérbio adjungido ao VP ou IP não poderia se mover nem para pousar no SpecCP, por ser esta posição apenas para especificadores, nem para se adjungir a CP, já que se entende que esta categoria, por ser um argumento, não permite adjunção<sup>9</sup>. Em se tratando dos modalizadores, que Kato e Castilho consideram núcleos predicadores que selecionam uma sentença, observo que esta análise não dá conta da explicação de

---

<sup>7</sup> Extraída do Projeto NURC.

<sup>8</sup> Cf. Kato e Castilho (1991) para detalhes sobre a flutuação dos quantificadores no português brasileiro.

<sup>9</sup> Cf. Vikner (1995).

orações como (3) que apresenta o advérbio posposto ao verbo, porém seguido por um XP. Nota-se, além disso, que para formular uma explicação para sentenças que apresentam o advérbio *também*, levando-se em conta todas as fronteiras em que este advérbio pode se localizar, seria necessário a adoção conjunta das duas propostas, uma vez que apenas uma delas não seria suficiente para a descrição de todas as possibilidades de distribuição.

Assim, assumo para este trabalho uma análise unificada para o estatuto e comportamento dos advérbios aqui trabalhados (conforme Kato (c.p.)), segundo a qual, esses advérbios seriam elementos adjungidos não a projeções máximas, mas aos núcleos dessas projeções. Mas especificamente, esses constituintes seriam gerados adjungidos ao V (ou ao núcleo de um predicado secundário, caso ele tenha um escopo restrito sobre aquele predicado), podendo se mover para outros núcleos mais altos na sintaxe.

No caso desta pesquisa, em que será observado o movimento do verbo, presumo que apenas sentenças como (1-b,c; 3; 4-c;), em que o advérbio se mantém adjungido ao V, servirão como evidência, já que nelas este elemento antes numa posição preverbal, com o movimento do verbo para I, tornou-se posverbal.

### 3. O MOVIMENTO DO VERBO EM DUAS LÍNGUAS GERMÂNICAS: O HOLANDÊS E O ALEMÃO

Entre as línguas germânicas, serão analisadas aqui apenas o holandês, por ser a língua materna do sujeito cujos dados estarão sendo estudados, e o alemão, em função da grande semelhança existente entre esta língua e o holandês.

Sabe-se que nas línguas germânicas o verbo se move, obrigatoriamente, do núcleo do VP para o do IP e, depois, para o núcleo de CP nas orações matrizes<sup>10</sup> e um XP (NP-sujeito; NP-objeto ou um adjunto) é movido para a posição de SpecCP, resultando na ordem V2, que significa verbo em segunda posição. Enquanto este fenômeno acontece nesses tipos de orações, nas encaixadas não há movimento do verbo para o núcleo de CP, por esta posição já se encontrar preenchida por um complementizador.

Assim, nas sentenças principais, existe um movimento do verbo de núcleo para núcleo, deixando um vestígio em cada posição pela qual tenha passado.

- (5) a. Jan woont in Utrecht.  
 “João morou em Utrecht.”  
 b. [ Jan<sub>i</sub>][woont<sub>j</sub>][t<sub>i</sub>][t<sub>j</sub>][in Utrecht][t<sub>j</sub>][t<sub>j</sub>]  
           CP    C    IP VP PP            V    I

<sup>10</sup> Exceto línguas como o sueco cujo verbo, presumivelmente, se move para o núcleo de CP, sem antes pousar no núcleo de IP (cf. Vikner (1995)).



b.hij heeft Jan *gelukkig* niets gegeven.

b'. [hij [heeft [Jan [gelukkig [niets [gegeven ] [ ]  
CP C IP I' I' V I

ele tem Jan felizmente nada dado

“Felizmente ele não deu nada a Jan.”

Esta proposta de Haegeman é aqui descartada pelo fato de adjunção a núcleos intermediários não estar prevista na teoria de análise lingüística que suporta este trabalho.

Já para Vikner, o advérbio modalizador está adjungido ao IP e pode, no alemão, assumir a posição antes do sujeito na oração encaixada se, e somente se, esta for introduzida pelo complementizador *daB* e se o sujeito for um NP pleno.

- (8) a. \*Sie hat gesagt daB *tatsächlich* er dieses Buck gelesen hat.  
Ela tem dito que realmente ele este livro lido tem  
“Ela disse que o menino realmente leu este livro.”  
b. \*Sie hat gesagt \_ *tatsächlich* der Junge dieses Buck gelesen hat.  
Ela tem dito realmente o menino este livro lido tem  
c. Sie hat gesagt daB *tatsächlich* der Junge dieses Buck gelesen hat.  
Ela tem dito que realmente o menino este livro lido tem

Esta análise de Vikner de que esses constituintes estão também em adjunção, mas à projeção máxima IP, por sua vez, falha por não fornecer uma explicação para sentenças matrizes que apresentam o advérbio modalizador em posição inicial como em (9-a,b) abaixo, uma vez que, se o advérbio está adjungido ao VP, este não pode se mover para o início da sentença por ser esta uma posição para especificadores.

Cinque (1997- no prelo), estudando a ordem rígida relativa dos advérbios dentro de uma análise translingüística, postula que esses elementos não estão adjungidos a projeções máximas, mas sim numa relação especificador-núcleo com os núcleos desses sintagmas. Para ele, os diferentes advérbios se posicionam no especificador de diferentes projeções máximas.

Para o autor, além da localização no SpecIP, o advérbio sentencial no holandês e alemão poderá se mover para o SpecCP na oração matriz<sup>14</sup>, desde que esse movimento não subverta a ordem relativa dos advérbios<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> O movimento do advérbio para SpecCP para resultar na ordem V2 nas línguas germânicas, embora gramatical, não é muito natural, uma vez que o advérbio não carrega o traço [d] comum ao NP, AP e PP.

<sup>15</sup> Cf. Cinque (1997- no prelo) para uma visão mais detalhada da ordem relativa dos advérbios nas sentenças.

- (9) a. *Wahrscheinlick* kommt Peter *oft*.  
 Provavelmente vem Peter muitas vezes  
 “Provavelmente Peter vem muitas vezes”.
- b. *Nie* haben die Kinder so einen schlechten Film gesehen.  
 Nunca têm as crianças tão um ruim filme assistido  
 “As crianças nunca assistiram a um filme tão ruim.”
- c. \**Oft* kommt Peter *wahrscheinlick*.  
 Muitas vezes vem Peter provavelmente  
 “Provavelmente Peter vem muitas vezes.”

Esta hipótese de Cinque também não será adotada aqui neste trabalho, uma vez que, propondo que diferentes advérbios estariam na posição de especificador de também diferentes projeções máximas, o resultado seria em um enorme esqueleto funcional, o que não é desejável para esta teoria.

Então, face aos dados encontrados para a ilustração do comportamento dos advérbios sentenciais no holandês e alemão, para esta pesquisa, parece possível assumir que, tanto nas orações principais quanto nas encaixadas, esta classe de advérbios está em adjunção não a categorias máximas, mas a núcleos.

Esta proposta parece fornecer uma explicação para os exemplos em (9-a,b), que são sentenças matrizes e apresentam seus advérbios em posição inicial, gerando a ordem V2.

Em (9-a), o advérbio modalizador estaria, inicialmente, adjungido à esquerda do núcleo do IP, e depois, com o movimento do verbo para o núcleo do CP, se incorporaria ao verbo, ficando em adjunção ao C e passando a modificar toda a sentença. O advérbio aspectual, que estaria adjungido ao V, devido a este movimento, ficaria em posição posverbal.<sup>16</sup> Já (9-b), que possui apenas o advérbio aspectual, teria este elemento inicialmente adjungido ao núcleo do VP e depois se moveria, respeitando as restrições de movimento de núcleo, finalmente ficando em adjunção ao C. De acordo com esta análise, o SpecCP, tanto em (9-a) quanto em (9-b), ficaria vazio.

Porém, fosse o NP-sujeito o elemento a se mover para a posição anterior ao verbo (pousando no SpecCP), em (9-a) o advérbio modalizador permaneceria em adjunção ao I, gerando a ordem em (10); e em (9-b) o aspectual permaneceria em adjunção ao V, derivando (11).

(10) Peter kommt oft *wahrscheinlick*.

(11) Die Kinder haben so einen schlechten Film *nie* gesehen.

---

<sup>16</sup> Quando desta perspectiva, o advérbio aspectual também poderia se mover para se adjungir ao I, gerando a mesma ordem superficial: advérbio aspectual posposto ao verbo.

Poderia ser sugerido ainda, com base em sentenças como (12), que o advérbio aspectual em línguas como o holandês e alemão pode se adjungir a núcleo de predicado secundário.

- (12) Meine Mutter steht *immer* sehr früh auf<sup>17</sup>.  
Minha mãe acorda sempre muito cedo **part**  
“Minha mãe sempre acorda muito cedo.”

Nas orações encaixadas, parece que o advérbio modalizador estaria também inicialmente em adjunção ao V, podendo permanecer nessa posição (13-a) ou (se a oração é introduzida por um complementizador e o sujeito é um NP-pleno) se mover para finalmente se adjungir ao núcleo vazio de uma projeção de tópico (TopP) que estaria entre o CP e o IP (13-b).

- (13) a. ... dat Jan de taart *waarschijnlijk* snijdt.  
... que Jan o bolo provavelmente corta  
“... que Jan provavelmente corta o bolo.”  
b. ... dat *waarschijnlijk* Jan de taart snijdt.

Quanto aos advérbios aspectuais nas sentenças encaixadas do holandês e alemão, o que se poderia propor é que estes advérbios estariam também adjungidos ao V ou ao núcleo de um predicado secundário (14).

- (14) ... weil meine Mutter *immer* sehr früh aufsteht.  
... porque minha mãe sempre muito cedo **part** + acorda...  
“... porque minha mãe corda sempre muito cedo.”

Observa-se em (14) o advérbio aspectual numa posição mais alta do que o verbo (presumivelmente em adjunção ao também advérbio *sehr do AdvP sehr früh*) que se encontra no I, não podendo se mover para o C já preenchido pelo complementizador.

Nota-se, assim, que o movimento do verbo (V para C) se torna perceptível apenas nas sentenças matrizes através da observação do advérbio aspectual, se este elemento se mantém adjungido ao V ou ao núcleo de um predicado secundário. Originalmente, ele estaria anteposto ao verbo e, com o movimento do verbo para C, ficaria posposto ao verbo.

Em relação às orações encaixadas, percebe-se que se o modalizador se mantém adjungido ao I, ele se torna uma evidência do movimento do verbo. Isto se dá devido à combinação de dois aspectos: a) o advérbio ter que se adjungir

---

<sup>17</sup> Para esta sentença proponho que o advérbio *immer* esteja adjungido ao advérbio *sehr* que, por sua vez, é o núcleo de uma projeção máxima (AdvP) que está no Spec de outro AdvP.

obrigatoriamente à esquerda de um constituinte da sentença; e b) o verbo em línguas como o holandês e o alemão ter que se mover para o I final neste tipo sentença (o C está ocupado pelo complementizador).

#### 4. A TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS E A AQUISIÇÃO DE PRIMEIRA E SEGUNDA LÍNGUAS

Trabalhos desenvolvidos sobre aquisição de primeira língua (Radford (1990), Haegeman (1994), entre outros) em muito têm se baseado na teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1981). Esta teoria, que objetiva explicar o que torna as línguas diferentes entre si e descrever um objeto cognitivo – o conhecimento da linguagem – comum a todos os falantes e a aquisição deste conhecimento, irá postular a existência de princípios lingüísticos universais (Gramática Universal – GU) que, somados aos parâmetros fixados pela experiência, resultarão na aquisição de uma determinada língua.

Há também uma proposta formulada por Felix (1987), segundo a qual, existe um sistema cognitivo para a aquisição da linguagem, o Language Specific Cognitive System (LSC), que equivaleria ao LAD chomskyano, uma vez que esse sistema, inato e específico ao ser humano, seria responsável pela aquisição da língua materna. Mas, de acordo com Felix, após a puberdade, os indivíduos estariam fazendo uso de um outro tipo de sistema cognitivo; este sistema, o Problem-solving Cognitive System (PSC) seria, agora, para resolução de problemas, dada a capacidade do adulto de lidar com problemas abstratos. Assim, a partir da puberdade, dois sistemas estariam operando durante a aquisição de L2, o que resultaria no enfraquecimento da habilidade do indivíduo adulto em adquirir uma língua.

Outros estudiosos da aquisição da linguagem têm se voltado para o problema que gira em torno da relação entre os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros e a explicação do processo de aquisição de segunda língua.

Para Phinney (1987), a GU desempenha um papel importante na aquisição de uma segunda língua, uma vez que, segundo a autora, o indivíduo parte para a aquisição de L2 com o valor dos parâmetros em seu estado não-marcado (*default*), tornando-se menos custoso para o indivíduo partir de uma versão marcada de um parâmetro para uma versão não-marcada do que o processo inverso.

Cyrino (1994), estudando a aquisição do inglês por falantes nativos do PB a partir da ocorrência ou não-ocorrência do objeto nulo na interlíngua desses sujeitos, afirma existir acesso à GU por adultos quando da aquisição de L2, já que na sua pesquisa pôde ser atestado que “o adulto tem intuições sobre o que é possível ou não na L2, isto é, tem intuições sobre a gramaticalidade de sentenças em uma língua que não é sua língua nativa”. (1994: 3)

Schwartz & Sprouse (1996) defendem a hipótese da “Transferência Plena/ Acesso Pleno” (*Full Transfer/ Full Access* - (FT/FA)) que postula que no estágio inicial de aquisição de uma L2, o sujeito faz completa transferência das estruturas da L1, excetuando as raízes fonéticas dos itens lexicais e morfológicos (Transferência Plena) e que, como é percebido, a partir dos dados do *input*, que as estruturas da L2 não podem ser geradas sob a gramática da L1, há numa fase posterior uma reestruturação da gramática em direção da L2 que é constrangida pela GU (Acesso Pleno).

Observando os dados do sujeito desta pesquisa e refletindo sobre as propostas dos autores acima me vejo a fazer os seguintes questionamentos:

1. Se se tem por aquisição da linguagem o processo por meio do qual um indivíduo, restringido pelos Princípios da GU, marca ou remarca (se é assumida a hipótese da remarcação) determinados parâmetros, resultando na estruturação internalizada de uma língua natural, é possível afirmar que K. realmente adquiriu o parâmetro relativo ao movimento do verbo do PB? E quanto ao resultado ser diferente do que é alcançado pelos falantes nativos dessa língua, o que será que motiva essa diferença?

2. Comparando as propostas sobre o desenvolvimento da aquisição de L2 elencadas, qual será a que mais se aproxima da descrição do fenômeno apresentado por K.?

3. E, finalmente, o indivíduo adulto lida com qual(s) sistema(s) cognitivo(s) durante a aquisição de uma segunda língua?

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

Considero relevante ressaltar que neste trabalho estou assumindo uma posição diferente da de Kato e Castilho (1991) e Kato e Nascimento (1996), no que diz respeito ao estatuto dos advérbios em questão: estou propondo que estes elementos sejam gerados em adjunção ao V (ou ao núcleo de qualquer predicado mais baixo do que o VP (AP ou PP)), podendo se mover e se adjungir a núcleos de núdulos mais altos na sintaxe, o que justifica a grande mobilidade que este constituinte apresenta nas sentenças do PB.

O mesmo comportamento flexível comum aos advérbios modalizadores do PB (ver exemplos em (2)) apresentou o advérbio *talvez* nos dados do sujeito desta pesquisa. Ele assumiu três das posições discutidas acima, como pode ser conferido em (15).

- (15) a. ...e *talvez* os homens (eles) não é mau, sabe... (3,24)  
b. Ah... (Eu e minha família) *talvez* nós vamos pra Ilha... (4,09)  
c. Mas eu acho que esse *talvez* (ele) é melhor, né... (4,22)  
d. Mas é um costume diferente *talvez*, né... (3,24)

Observando a distribuição do advérbio de inclusão *também* na fala do sujeito desta pesquisa, pôde-se perceber um uso do advérbio *também* muito coerente com o que feito pelos falantes nativos do PB (ver exemplos em (4)).

- (16) a. Eu sei mas (Top. nulo) você *também* vai ver como era a me...meu português. (4,22)
- b. (Top. nulo)Ela *também* está aqui oito meses... (3,24)
- c. (Top. nulo)Ela *também* fala muito bem... (3,24)
- d. M. *também* (pro) estudou lá... (3,24)
- e. Ele perde *também* o trabalho. (4,09)
- f. Ela tem *também* amigos mais velhos, né... (3,24)
- g. Ela não fala muito *também*. (4,09)
- h. ... ela ensina lá *também*. (3,24)
- i. Isso eu sabia *também*.<sup>18</sup> (5,06)

Os exemplos em (15) acima, parecem evidenciar a marcação do parâmetro em direção ao PB, L2 adquirida por K cuja L1 exige V2. Note-se que em várias dessas construções o V está em terceira posição, possibilidade legítima no PB, mas não em holandês. Assim, pode ser nitidamente observado que o verbo finito *é* não se encontra em segunda posição, como estaria caso fosse a estrutura em (15-a) um reflexo da ordem das sentenças independentes do holandês..

O advérbio *talvez* em (15-a) parece estar adjungido ao núcleo vazio de uma projeção acima de TopP. O NP *os homens* estaria, então, deslocado à esquerda e um pronominal nulo (*pro*) estaria no SpecIP.

Em (15-b), que apresenta o modalizador em adjunção ao núcleo de TopP, observa-se uma oração independente que tem o verbo finito em terceira posição, o que seria uma estrutura mal-formada no holandês, mas tranqüilamente aceita no PB. O modalizador se encontra entre o NP-sujeito deslocado nulo (que está no especificador de TopP) e um pronominal fraco (que está no SpecIP), aparecendo depois o verbo finito, uma estrutura sintática prevista no PB.

O advérbio modalizador, no exemplo em (15-c), parece se comportar da mesma forma descrita em (15-b), ou seja, ele estaria em adjunção ao núcleo vazio de TopP, entre o NP-sujeito deslocado e o pronominal fraco no SpecIP. A diferença entre os dois exemplos é que, enquanto em (15-b) é o NP-sujeito deslocado que está nulo, em (15-c) é o pronominal fraco que se apresenta desta forma<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Como só foi encontrado um exemplo com *também* em posição inicial ( ... que lá quando você terminou a escola ... *também* é muito difícil você (inint) você vai ... pra faculdade...) e esta sentença não é muito linear, preferi não incluí-la.

<sup>19</sup> Estou propondo também para a análise dos dados de K, a hipótese de deslocamento de NPs e inserção de pronominal fraco no SpecIP baseada em exemplos com este tipo de construção na sua própria fala como em:

“... porque meu irmão, quando *ele* foi primeiro pra escola grande...”

Para (15-d), faço a análise de que todo o IP se moveu à esquerda do advérbio, que estaria adjungido ao núcleo vazio de TopP, resultando na sua colocação no final da sentença.

Os dados em (16) com o advérbio *também* parecem poder ser analisados conforme o proposto para os modalizadores: em (16-a,b,c,) o advérbio *também* se encontra, na sintaxe visível, anterior ao verbo finito. Admitindo-se a hipótese, segundo a qual, o NP sujeito é um elemento deslocado à esquerda e um pronominal nulo pousa no SpecIP, torna-se possível pressupor que o advérbio de inclusão se encontra adjungido ao núcleo vazio de TopP.

Em (16-d), teríamos um NP-sujeito deslocado *M.* no especificador de TopP, o advérbio adjungido ao núcleo vazio desta categoria máxima e um pronominal fraco nulo no SpecIP.

Vale ressaltar que, também nesses enunciados, o verbo finito não se encontra em segunda posição.

Em relação aos enunciados (16-e,f), o advérbio, presumivelmente, se encontra adjungido ao V. Este constituinte estaria, originalmente, anteposto ao verbo e, com o movimento deste para o núcleo do IP, o advérbio assumiria esta posição visivelmente posverbal. Para a análise dos exemplos em (16-g,h,i), assumo a hipótese de Kato e Castilho (1991) para argumentar a favor do movimento de toda a sentença à esquerda do advérbio que, por sua vez, estaria adjungido ao núcleo do nóculo mais alto do que o TopP das sentenças em questão.

Assim, nos dados de K., o advérbio modalizador (embora tenha sido considerado um elemento de pouca colaboração para a identificação do movimento do verbo no PB e nas duas línguas V-2 aqui descritas) e o advérbio de inclusão *também*, através de sentenças como estas em (15) e (16), parecem me colocar numa situação bastante confortável para a argumentação a favor da fixação do parâmetro relacionado ao movimento do verbo em direção ao PB, uma vez que: a) os processos que resultam nas suas diferentes posições no PB, i.e., deslocamento do sujeito (quer esteja na sua forma plena ou pronominal), inserção de um pronominal fraco (pleno ou nulo) no SpecIP e movimento de toda a sentença à esquerda do advérbio, não parecem ser permitidos na L1 do sujeito desta pesquisa, e b) os ambientes dos verbos finitos presentes nestas sentenças indicam o movimento para o I do PB e não para o I final, nem para o C das línguas V-2.

Em concordância com o que é dito sobre o comportamento dos advérbios aspectuais na sintaxe do PB, pôde ser percebido nas sentenças enunciadas por K. uma grande mobilidade na colocação desses advérbios.

- |  |        |
|--|--------|
| (17) a. Eu <i>sempre</i> pergunto às pessoas.        | (3,24) |
| b. ...eu <i>sempre</i> quero ajudar todo mundo...    | (3,24) |
| c. Ela <i>nunca</i> falava porque você não vai sair. | (5,06) |
| d. ... ele pergunta <i>sempre</i> ...                | (4,22) |
| e. <i>Muitas vezes</i> é muito besteira.             | (3,24) |

f. *Sempre* todo mundo acha que você está dormindo. (5,06)

g. ...às vezes eu saio com amigos. (3,24)

Em (17-a,b,c), o advérbio, gerado em adjunção a V, ao ser movido para se adjungir a I não deixa evidente o movimento do verbo de V para I. No entanto outros elementos indicam a estruturação da sentença conforme o PB: (17-a,b,c) apresentam orações independentes com verbos finitos em terceira posição; e (17-c), em particular, um enunciado formado por uma oração matriz seguida de uma subordinada, evidencia nessa segunda o verbo finito – que é um verbo auxiliar não-modal – em posição medial, no núcleo do IP, enquanto o verbo temático, na sua forma infinitiva, se mantém no núcleo do VP.

Em (17-d), K. também operou o movimento do verbo de V para I. Assim, o advérbio que estava adjungido a V, logo numa posição mais alta do que o verbo, com o movimento deste para a checagem de traços, passou a assumir essa localização mais baixa.

Analisando as sentenças em (17-e,f,g), orações independentes com o advérbio em primeira posição, presumivelmente em adjunção ao núcleo vazio de TopP, sugiro novamente que o sujeito desta pesquisa não se baseia na sintaxe da sua L1 para a estruturação de sentenças no PB, já que em (17-e), o verbo, aparentemente em segunda posição, se encontra, na verdade, após um pronominal nulo que está funcionando como sujeito da oração, o que não é permitido no holandês; e em (17-f,g) os verbos finitos não estão em segunda posição.

Esses dados da fala de K. têm também me levado a propor que, no que se refere ao movimento do verbo e à distribuição dos advérbios aqui analisados, K. está estruturando suas orações conforme o PB, projetando um tipo de estrutura sintática que não possui os traços compatíveis aos das línguas V-2, mas aos do PB.

## 5.1. Outras contribuições

### 5.1.1. A negação

Um outro elemento que, certamente, pode se constituir em mais uma evidência de que K. realmente marcou o parâmetro relativo ao movimento do verbo em direção ao PB é a partícula negativa.

No holandês e no alemão o elemento negativo ocupa uma posição posterior ao verbo finito nas orações principais, tornando visível o movimento de V para I para C permitido ao verbo nestas línguas.

(18) a. Ich weiß *nicht* welchen Film die Kinder gesehen haben.

Eu sei não qual filme as crianças assistido têm

“Eu não sei a qual filme as crianças assistiram.”

b. Ik weet *niet*, wat of ze meebrengen.

Eu sei não o que se eles trarão

“Eu não sei o que eles trarão.”

(Exemplos extraídos de Vikner (1995))

Nas orações encaixadas do holandês a partícula negativa sempre precederá o verbo finito que estará no núcleo de I, já que nesta língua não é permitido V-2 neste tipo de oração, mesmo com o complementizador ausente (19).<sup>20</sup>

(19) ...dat je dat *niet* doen moet.

... que você isto não fazer deve

“... que você não deve fazer isto.”

No PB, o elemento negativo é sempre pré-verbal tanto nas orações principais quanto nas encaixadas, não importando o caráter de finitude do verbo e a modalidade da oração.

(20) a. O José *não* vende seu carro velho para mim.

b. O José avisou que *não* vende seu carro velho.

c. Eu avisei você para *não* comprar o carro velho.

d. Por que você *não* comprou um carro novo?

e. Eu quero saber se você *não* vai vender o seu carro.

f. *Não* compre o carro por este preço!<sup>21</sup>

Percebe-se que a distribuição do elemento de negação no PB e nas duas línguas V-2 aqui estudadas é, significativamente, diferente.

Nos dados de K., a colocação dos elementos negativos é inteiramente conforme o PB (21).

(21) a. Eles *não* são falsos. (3,24)

b. Eu acho que ele *não* pode ficar sem... o filho dele. (3,24)

c. Eu *não* sei porque eu gosto. (4,09)

d. É difícil pra falar num filme quando eu *não* sei todas as palavras. (4,09)

e. Ainda *não* fui pra Clube Espanhol. (4,22)

f. Ele *não* vai dançar. (4,22)

---

<sup>20</sup> Mas, conforme Zwart (1993), no holandês coloquial são possíveis orações encaixadas V-2, mesmo estas sendo introduzidas pelo complementizador. Desta forma, o elemento negativo poderá seguir o verbo que estará em segunda posição, como em (a) abaixo

(a) ... dat hij kende dat boek *niet*.

... que ele conhecia aquele livro não

“... que ele não conhecia aquele livro.”

<sup>21</sup> Exemplos de Torres Morais (1998).

- g. Ele sempre fala muito devagar pra *não* falar errado. (4,22)  
 h. Eu *não* gosto muito *não*. (5,20)  
 i. Eu *não* vou *não*. (5,20)

Em (21-a,c,e), K. coloca o elemento negativo preverbal, em orações principais, deixando o verbo em terceira posição e, ainda em (21-e), ela o faz não preenchendo a posição do sujeito. Essas construções não são possíveis no holandês. Observa-se em (21-f) que tem um tempo verbal complexo, que o sujeito, utiliza a negação, corretamente de acordo com o PB, antes do verbo auxiliar não-modal e não antes do verbo temático, erro que ela poderia cometer, caso não tivesse conhecimento internalizado e inconsciente desta ordem correta e do escopo da negação<sup>22</sup>. Em (21-g) K. coloca, também de forma correta, a negação antes de um verbo não-finito, construção esta completamente natural em PB. E em (21-h,i) é empregada a dupla negação que também não é permitida no holandês, mas o é na variante do PB à qual K. foi exposta.

Os exemplos em (21-b,d), poderiam ser considerados como possíveis também no holandês, já que nesta língua estão previstas orações encaixadas com negação pré-verbal. Porém se é considerada a posição em que o verbo se encontra, será notado que o sujeito não se utiliza de uma estrutura prevista na sua L1.

### 5.1.2. O advérbio de modo

Uma segunda contribuição para a constatação de que K. realmente marcou o parâmetro relacionado ao movimento do verbo de acordo com o PB é a distribuição do advérbio de modo, uma vez que essa classe de advérbios é tida como sendo gerada unicamente em adjunção ao VP (embora aqui eu esteja assumindo que ela é adjungida a V), podendo indicar o movimento do verbo para a projeção funcional IP ou a sua permanência *in situ*. (cf. Galves (1994) e Figueiredo Silva (1996)).

Se é assim, e uma sentença como “*Carlos bem dançou.*” é considerada agramatical, enquanto “*Carlos dançou bem.*” é aceita como gramatical, torna-se possível atestar que existe movimento do verbo de V para I no PB.<sup>23</sup>

Observando os dados de K., encontram-se as seguintes estruturas sintáticas com a presença do advérbio de modo *bem/mal*.

- (22) a. Ele também fala *muito bem*. (3,24)  
 b. Ele falou *muito bem*. (4,09)  
 c. Acho que não gravou *muito bom*.<sup>24</sup> (4,22)  
 d. Ele fala *muito bem*. (4,22)

<sup>22</sup> Refiro-me aqui da ordem de palavras e do escopo da negação porque são possíveis no PB frases com a negação depois do verbo auxiliar modal como em “*Pedro pode não querer viajar hoje*”.

<sup>23</sup> Atereime apenas à análise do comportamento de advérbios do tipo *bem/ mal*.

<sup>24</sup> Embora o sujeito desta pesquisa tenha pronunciado a expressão *muito bom*, com base no seu comportamento sintático, estarei aqui assumindo-a como um adjunto adverbial e não como um adjetivo.

Nota-se, a partir de (22) que a mesma rigidez que se observa no uso deste advérbio pelo falante nativo do PB é observada nos dados de K., que só o posiciona posverbalmente.

Em (22), vê-se que, embora (22-a,b,d) sejam orações bem formadas no PB, elas não serviriam de elemento decisivo para que se ateste que K. está estruturando seus enunciados conforme o PB, já que essas sentenças são matrizes e também no holandês o advérbio de modo pode ficar em posição posverbal nas orações matrizes. Mas, com base na sentença (22-c), conclui-se que não é a gramática do holandês que está subjacente às frases emitidas pelo sujeito desta pesquisa, uma vez que nesta sentença (que é uma oração encaixada introduzida por um complementizador) encontra-se um advérbio de modo em posição posverbal, o que não é possível na L1 de K.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem sido possível concluir que K., durante o período em que foi exposta ao PB, que aconteceu após a idade que os teóricos da aquisição estipulam como sendo a “idade crítica”, teve acesso aos princípios da GU e marcou (pelo menos) o parâmetro referente ao movimento do verbo em direção ao PB, fazendo-me propor que o processo pelo qual K. passou pode ser descrito como uma real aquisição de L2. Assim, dentre as teorias sobre aquisição de segunda língua consultadas, a proposta de Phinney (1987) é a que mais se aproxima do que foi verificado. A hipótese da aquisição instantânea da estrutura clausal de L2 via valor *default* seria a explicação para este desenvolvimento tão repentino e eficiente. A diferença entre o resultado alcançado neste tipo de aquisição e o obtido quando da aquisição de L1 pode, presumivelmente, ser atribuída à interação da GU com outros módulos como, por exemplo, o sistema cognitivo que lida com resolução de problemas abstratos inexistente ainda na fase de aquisição de L1.

Quanto ao tipo de mecanismo usado pelo indivíduo na aquisição de uma L2, acredito que tanto o LAD quanto o PSC são colocados em ação: o primeiro colocando à disposição a GU e o segundo tornando possível a aprendizagem de determinados aspectos que pertencem ao leque dos itens lexicais funcionais e substantivos da L2.

Estas conclusões se devem ao fato de que em diversas ocasiões pode ser constatado, através do uso dos advérbios modalizadores e aspectuais, que K. não tem se utilizado das estruturas da L1 com as palavras da L2 para se comunicar em português brasileiro.

As sentenças negativas e a distribuição do advérbio de modo do tipo *bem/mal* dos enunciados de K. têm servido também de indício para a constatação da fixação do movimento do verbo em direção ao PB: K. sempre se utiliza de negação pré-verbal, seja o sentença principal ou encaixada, ao passo que na sua L1, na sentença

principal, a negação só pode ser posverbal. E, em relação ao advérbio de modo, ela sempre o utiliza posposto ao verbo (em orações principais e encaixadas), enquanto no holandês esse tipo de colocação só é admitido nas orações principais.

Todos esses fatos parecem indicar uma completa regularidade por parte de K, no que diz respeito ao movimento do verbo conforme o PB. Ela não recorreu a nenhum tipo de intercalação de estruturas de sistemas linguísticos diferentes: nem code switching (que obedece as restrições da GU), nem muito menos code mixing (que desobedece as restrições da GU).

---

## BIBLIOGRAFIA

- BELLETTI, Adriana. (1990). **Generalized verb movement: aspects of verb movement**. Rosenberg & Sellier, Torino.
- CASTILHO, Ataliba. & CASTILHO, Célia M. M. de. (1992). "Advérbios Modalizadores". In: Rodolfo Ilari (org.) **Gramática do Português Falado. Vol.II**. Editora da UNICAMP, Campinas.
- CHOMSKY, N. (1981). **Lectures on Government and Binding**. Foris, Dordrecht.
- \_\_\_\_\_. (1995). *The Minimalist Program*. The MIT Press, Massachusetts.
- CINQUE, G. (1997/no prelo). **Adverbs and Functional Heads. A cross-linguistic perspective**. Oxford University Press.
- CYRINO, S. (1994). **Aquisição de Língua Estrangeira e Gramática Universal - gramática núcleo vs. periférica e o problema da integralização na aquisição**. Universidade Estadual de Londrina. (mimeo).
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996). **A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas**. Editora da UNICAMP, Campinas.
- FELIX, S. (1987). **Cognition and Language Growth**. Foris Publications, Dordrecht.
- GALVES, C. (1994). "V-Movement: Levels of Representation and the Structure of S". In: Jorge Campos & Carlos Mioto (eds.) **Letras de Hoje. Vol.29**. PUCRS, Porto Alegre.
- HAEGEMAN, L. (1991). **Introduction to Government and Binding Theory**. Blackwell, Oxford.
- \_\_\_\_\_. (1994). **Root infinitives, Tense and truncated structures**. (mimeo)
- KATO, Mary A. (1990). "A Ergatividade dos Adjetivos". ms. Trabalho apresentado no Encontro da ANPOLL, Recife, 1990.
- \_\_\_\_\_. & CASTILHO, Ataliba. (1991). "Advérbios Modalizadores: Um novo núcleo predicador?" In: Mary Aizawa Kato (ed.) **Delta. Vol.7**, no.1.
- \_\_\_\_\_. & NASCIMENTO, Milton do. (1996). "Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação dos quantificadores". In: Ataliba Castilho & Margarida Basílio (orgs.) **Gramática do Português Falado. Vol. IV**. Editora da UNICAMP, Campinas.
- PHINNEY, Marianne. (1987). "The Pro-drop Parameter in Second Language Acquisition". In: Thomas Roeper & Edwin Williams (eds.) **Parameter Setting**. D. Reidel Publishing Company, Dordrecht.

- POLLOCK, J-Y. (1989). "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". In: **Linguistic Inquiry**. Vol.20, no.3.
- POSSENTI, Sírio (1992). "Ordem e Interpretação de Alguns Advérbios do Português". In: Rodolfo Ilari (org.) **Gramática do Português Falado**. Vol.II. Editora da UNICAMP, Campinas.
- RADFORD, A. (1990). **Syntactic theory and the Acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English**. B. Blackwell, Oxford.
- RIZZI, L. (1986). "Null Objects in Italian and the Theory of *pro*". In: **Linguistic Inquiry**. Vol. 17, no. 3.
- \_\_\_\_\_. (1988). **The new comparative syntax: principles and parameters of Universal Grammar**. ms.
- SCHWARTZ, B. & SPROUSE, R. A. (1996). "L2 cognitive states and the Full Transfer/ Full Access Model". In: Bonnie Schwartz & Lynn Eubank (eds.) **Second Language Research**. Vol.12, no.1.
- TORRES MORAES, M. A. (1998). "Aspectos diacrônicos e sincrônicos do licenciamento dos itens negativos nada, nenhum, ninguém no português". ms. Trabalho apresentado no Encontro da ANPOLL, Campinas, 1998.
- VIKNER, S. (1995). **Verb Movement and Expletive Subjects in the German Languages**. Oxford University Press, Oxford.
- ZWART, J. W. (1993). **Dutch Syntax: A Minimalist Approach**. Dissertação de Doutorado. Universidade de Groningen.